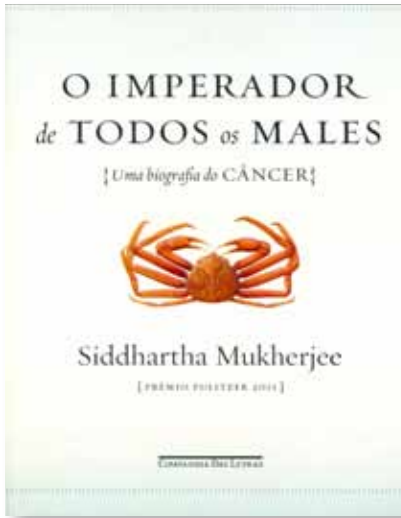


# publicações



## CÂNCER: UMA BIOGRAFIA

Com uma abordagem histórica, o oncologista indiano, radicado nos Estados Unidos, Siddhartha Mukherjee trata da complexidade do câncer ao longo dos séculos em *O Imperador de Todos os Males: Uma Biografia do Câncer* (Companhia das Letras, 2012, 640 págs). O livro foi o vencedor, na categoria não ficção, do prêmio Pulitzer de 2011.

Mas o que seria essa doença que não poupa reis, presidentes e celebridades? O autor partiu da pergunta “Quem é o câncer?” para traçar a história da doença, tratando-a como um personagem. Em linguagem acessível, Siddhartha revela desde os relatos mais antigos às novidades mais recentes no controle do câncer. Do grego Karkinos ou “caranguejo”, a palavra somente seria utilizada depois que o médico Hipócrates, por volta de 400 a.C., achou semelhanças entre um tumor e os vasos sanguíneos a seu redor e um caranguejo com as patas espalhadas na areia. Outra palavra grega associada ao câncer, Onkos era o termo que denominava uma massa, um fardo: o câncer era imaginado como um peso carregado pelo corpo. Um dos primeiros registros de câncer existentes é um papiro egípcio do século 7 a.C. O documento, traduzido em 1930, contém os ensinamentos do grande médico Imhotep: são relatos de enfermidades que assolavam a população, entre as quais “massas salientes no peito (...) que se espalham”.

Uma história chocante é a de Atossa, rainha da Pérsia, que, em 500 a.C. enfaixava a mama doente para ocultá-la. Um dia, não suportando mais o desconforto, pediu a um escravo que extirpasse seu seio com uma faca.

O livro narra os processos cheios de idas e vindas da pesquisa sobre a doença, as vitórias e as derrotas e os resultados das recentes pesquisas genéticas, que desvendam o comportamento da doença e vêm sendo incorporados ao tratamento. No início do século 20, a descoberta do rádio por Pierre e Marie Curie, em 1902, levou à morte da cientista por câncer, em razão da contínua exposição à radiação. Mais tarde, a radioterapia seria amplamente usada em todos os tumores neoplásicos. Nos anos 1950, descobriu-se que uma propriedade do gás mostarda (usado durante a guerra) provocava a redução da divisão de algumas células de rápida reprodução. Surgia a quimioterapia.

O autor mostra que, cientificamente, apesar dos avanços da medicina, o câncer ainda era uma doença misteriosa, que somente podia ser extirpada cirurgicamente ao atingir um órgão ou ser destruída com radiação. Com o envelhecimento da população, o câncer foi levado para o primeiro plano, tornando-se a doença mais assustadora da civilização moderna, o que intensificou a batalha da medicina contra um mal cuja causa era desconhecida.

O esforço da medicina e das pesquisas hoje, sugere Mukherjee, é o desenvolvimento de drogas cada vez mais específicas. No futuro, as terapias genéticas, que envolvem as células-tronco e as nanotecnologias, estarão no topo dos tratamentos contra a doença. Contudo, o autor reconhece que, apesar dos avanços, ainda sabe-se pouco sobre as bases biológicas do câncer. Como nem o processo de seleção natural foi capaz de eliminá-la, talvez, mesmo que se alcance esse conhecimento, não seja possível acabar totalmente com a doença. Contudo, a chegada de novos tratamentos promete aumentar o sucesso na consolidação de uma qualidade de vida melhor aos pacientes. E a redução sempre gradativa do poder do Imperador.

Na tarde de 19 de maio, Carla deixou os três filhos com uma vizinha e voltou sozinha à clínica, exigindo um exame de sangue. (...) Quando o enfermeiro tirou o primeiro tubo (...), ficou intrigado com a cor do material. Aguado, claro, diluído, o líquido extraído das veias dela nem parecia sangue. (...) Na manhã seguinte, o telefone tocou. “Precisamos tirar mais sangue”, disse o enfermeiro da clínica. “Quando devo ir?”, perguntou Carla, planejando o dia agitado. (...) “Venha agora”, ela acha que ele disse.